

The Crisis of Neoliberalism

GÉRARD DUMÉNIL E DOMINIQUE LÉVY

Massachusetts: Harvard University Press, 2011, 391p.

LUCAS MASSIMO T. A. DE SOUZA*

A articulação do nível macro-histórico com as transformações microscópicas que denotam uma crise estrutural do capitalismo é uma tarefa árdua. Exige, por um lado, um amplo portfólio de proposições e conceitos, conjugados em um determinado corpo teórico, e, por outro, um extenso trabalho de levantamento de dados, informações e evidências empíricas, amparado por um modelo de interpretação histórica. Essa é a tarefa levada a termo no livro de Gérard Duménil e Dominique Lévy.

O livro contém 25 capítulos, organizados em nove partes. Na primeira, os autores lançam as bases do modelo de interpretação histórica sobre o neoliberalismo (capítulo 1), e explanam um argumento que explica a crise (capítulo 2). Esse modelo define o neoliberalismo em uma proposição: é o terceiro estágio do moderno capitalismo que emergiu seguindo-se à crise estrutural dos anos 1970 (o primeiro estágio corresponde à primeira hegemonia financeira, que sucumbiu à Grande Depressão dando lugar ao compromisso social democrata no Pós-Guerra, o segundo estágio). O neoliberalismo expressa a estratégia das classes capitalistas em aliança com os altos gerentes, especificamente os gerentes financeiros, com vistas a fortalecer sua hegemonia e expandi-la globalmente. Nessa proposição já está contido o núcleo do argumento que explica a crise – ela resulta da contradição

* Pesquisador do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) da Unicamp.

entre a demanda por altas remunerações, a financeirização e a globalização, por um lado, e, por outro, a lenta acumulação capitalista nos EUA, o déficit comercial e o endividamento. As duas famílias de determinantes são necessárias ao neoliberalismo sob a hegemonia norte-americana, e o seu encontro conduz à crise. A mesma proposição apresenta o *leitmotiv* da obra: é preciso conhecer a formação, o clímax e a crise do neoliberalismo à luz das configurações das classes sociais que lhe é subjacente.

Que configuração é essa? É uma aliança entre gerentes e proprietários capitalistas, que, sob a égide dos segundos, desmantelou o compromisso firmado no Pós-Guerra entre gerentes e classes populares e beneficiou os estratos mais elevados de rendimento entre as famílias norte-americanas. A segunda parte do livro presta-se a introduzir gradualmente as evidências empíricas que amparam esse modelo de interpretação histórica sobre o neoliberalismo. Assim, a segunda parte examina as classes capitalistas, discutindo a concentração dos rendimentos no topo das mais altas remunerações (capítulo 3), e os rendimentos específicos do capital como juros, dividendos e ganhos de capital (no capítulo 4).

A terceira parte encerra a configuração tripolar de classes, observando gerentes e trabalhadores sob uma perspectiva histórica (no capítulo 5) e procura enquadrá-la no arcabouço teórico marxista (no capítulo 6), e assim estabelece os fundamentos especificamente sociais dos três estágios do moderno capitalismo.

A partir da quarta parte o livro examina a primeira categoria de determinantes que explica a crise, a financeirização e a globalização – as altas remunerações foram examinadas na segunda parte. O capítulo 7 disserta sobre as transformações no setor financeiro, em particular, para os novos mecanismos financeiros. O capítulo 8 documenta os principais aspectos da globalização, do ponto de vista da economia norte-americana nas décadas neoliberais. Finalmente, o capítulo 9 explora os fatores de fragilidade dessa estrutura financeira, enfatizando como os ganhos fictícios nutriram fluxos de rendimento pagos pelas corporações financeiras aos altos gerentes e às classes capitalistas, drenando os fundos reais dessas próprias corporações.

A quinta parte do livro explora o divórcio entre as altas classes norte-americanas e economia do seu próprio país, a partir do exame da trajetória macroeconômica norte-americana. O capítulo 10 registra o declínio da taxa de acumulação capitalista e o crescimento do desequilíbrio. São documentados especialmente o aumento do consumo das famílias (gráfico 10.3), a queda das suas poupanças (gráfico 10.4) e o aumento do endividamento com hipotecas no total da dívida das famílias (gráfico 10.6). O gráfico 10.5 examina o perfil da dívida norte-americana, desagregando-a entre a dívida das famílias e a dívida do governo. Todas essas curvas indicam valores em percentuais do PIB, entre 1952 e 2009. O capítulo 11 propõe um modelo dedutivo para explicar os mecanismos do desequilíbrio, e sintetiza o encontro das duas linhas de determinantes, a fragilidade da estrutura financeira em âmbito global e a insustentabilidade da trajetória macroeconômi-

ca. Isso serve para determinar uma conclusão fundamental em sua interpretação sobre a crise: a dívida das famílias, em particular a ocasionada pelas hipotecas, define a intersecção dessas duas linhas, mas isso ainda não explica a crise: “define a sua exata modalidade, isto é, como a crise veio ao mundo” (Duménil; Lévy, 2011, p.169).

A sexta parte se aproxima da crise, investigando quem estava tomando os empréstimos, com que propósitos – o *boom* no setor imobiliário (capítulo 12) –, quem estava emprestando e através de quais instrumentos – isso é discutido na formação da onda de hipotecas, no capítulo 13. O capítulo 14 explica como a propensão à desregulamentação alienou as autoridades financeiras de instrumentos eficazes para controlar o aumento da dívida das famílias e a ciranda financeira.

Somente na sétima parte a crise financeira propriamente dita aparece na análise. O capítulo 15 lança uma periodização a partir dos episódios mais críticos ocorridos entre janeiro de 2006 e o final de 2009. São quatro grandes etapas, subdivididas em sete fases (A1, A2, B1, B2, B3, C e D). A primeira etapa (janeiro de 2006 a agosto de 2007) trata da virada no mercado imobiliário, com a onda de *defaults* e o colapso nos mercados de títulos vinculados a hipotecas (capítulo 16). A segunda etapa (agosto de 2007 a setembro de 2008) detalha a crise no setor financeiro, com o chacoalho de todo o setor. Na fase B a crise fica mais extensa e severa, e sua natureza se altera profundamente, porque além da crise de liquidez, bastiões do setor financeiro incorrem em perdas vultosas. Isso é examinado no capítulo 17. O capítulo 18 dá conta das medidas tomadas pelo Federal Reserve (FED) para resgatar o setor financeiro – são sete medidas que visam sanar dois problemas, a falta de liquidez e a falta de crédito para famílias e corporações não financeiras. Na terceira etapa (setembro de 2008 a fevereiro de 2009) o pânico se manifesta, a crise está alastrada pelo mundo, e começa a grande contração da produção (capítulo 19). Finalmente, o capítulo 20 registra a sincronia dos indicadores da globalização, registrando a simultaneidade nos vieses de baixa na economia real em todo o mundo, na última fase da crise (de fevereiro de 2009 até o presente).

A oitava parte avança em comparações possíveis com a Grande Depressão, observando a similaridade entre as duas crises como crises da hegemonia financeira nos imediatos oito anos após o colapso original (capítulo 21) e na profilaxia utilizada nos anos 1930 (capítulo 22).

A última parte do livro pondera sobre a nova ordem social que poderá emergir do pós-crise. O capítulo 23 aquilata as dimensões das tarefas a serem cumpridas para sanar as tendências neoliberais. O capítulo 24 considera o avanço dos principais competidores aos Estados Unidos, tanto no centro do sistema capitalista como na periferia. Finalmente, o capítulo 25 encerra com uma análise de possíveis cenários de alianças entre as três classes fundamentais do modelo, capitalistas, gerentes e classes populares. Duménil e Lévy especulam quanto a um capitalismo gerencial no médio prazo: um compromisso sem precedentes históricos entre gerentes e capitalistas, capitaneado pelos primeiros contra as classes populares.

SOUZA, Lucas Massimo T. A. de. Resenha de: DUMÉNIL, Gerard, LÉVY, Dominique. *The Crisis of Neoliberalism*. Massachusetts: Harvard University Press, 2011, 391p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.34, 2012, p.195-197.

Palavras-chave: Crise econômica; Neoliberalismo; Capitalismo.